

Traube, Elizabeth G. *Cosmology and Social Life: Ritual Exchange among the Mambai of East Timor*. Chicago, The University of Chicago Press, 1986, 290 p.

Questões teóricas importantes e atuais são tratadas nesta monografia sobre as relações entre a cosmologia e a vida social dos Mambai de Timor de Leste, na qual os estudiosos da etnologia sul-americana, em particular, e os interessados em metodologias para descrição e análises de rituais, em geral, encontrarão uma referência comparativa profícua. Dessas questões, caberia mencionar como ilustração das preocupações do livro, entre outras, as seguintes: a convivência de dualismo e hierarquia; a questão da reciprocidade, estrutura e processo; as relações e os modos de interpretação de ritual, sociedade e cosmologia; mito e história; temporalidade e cosmologia; oposição (lógica) e continuidade (no entretecer concreto) de categorias de pensamento atuantes em contextos rituais; o papel estruturante do ritual na sociedade; questões de estilo da narrativa e da transmissão do conhecimento mítico e métodos para a reconstrução da cosmogonia; dependência, reciprocidade, hierarquia e ritual no contexto de relações interétnicas. O livro é organizado em dez capítulos, distribuídos em duas partes. Na primeira, são examinadas as relações entre Sociedade e Cosmologia; na segunda, são descritos e analisados rituais, em busca de significados mais amplos, tendo a autora, por referência, os resultados de sua pesquisa apresentada na primeira parte do livro.

Traube se declara, logo nas primeiras páginas do livro, herdeira da tradição de pensamento da Escola Sociológica Francesa no que diz respeito ao seu interesse por sistemas de classificação e de prestação total em sua relação com a vida social. Ao longo de todo o trabalho, percebe-se que tal herança se manifesta também na preocupação constante com a captação dos modos de articulação através dos quais os Mambai logram conceber e vivenciar um universo totalizador. A monografia, assim, aborda, a partir da cosmologia, tanto os aspectos ecológicos, econômicos, políticos e sociais da vida Mambai quanto suas relações com outros grupos étnicos timorenses e com o poder externo, seja ele o poder colonial português (1769-1975), ou a Indonésia, contra quem os timorenses travaram dura guerra de resistência dada a ocupação militar da região após a saída de Portugal. Outras influências teórico-metodológicas, segundo a própria autora, se manifestam na linguagem que utiliza: "estruturalista, profundamente entrelaçada, semiótica" (p. 237).

De acordo com esses pressupostos, o objetivo do trabalho é "preservar e transmitir a integridade, a inteireza (*wholeness*), o caráter total de um conjunto de contratos de troca ritualizados que ligam pessoas a pessoas, grupos sociais a outros grupos sociais e seres humanos ao cosmos" (p. 4). Para a autora, concepções nativas do "todo" são constituídas simbolicamente e é neste contexto que sua discussão do dualismo assimétrico e da hierarquia social toma sentido, já que afirma, a partir da etnografia que constrói, a existência de dimensões temporais e processuais nos esquemas simbólicos. Vê fases que se sucedem em um processo onde outros autores vêem oposições puras e simples. Recupera assim, a temporalidade, a continuidade e o todo, sem perder as oposições, o dualismo e, ainda, a hierarquia como conceitos em sua análise.

Faz, portanto, uma análise que demonstra a copresença de dualismo e temporalidade nas categorias de pensamento Mambai. Entre as que elabora de modo particularmente detalhado estão as referentes à concepção cultural de "vida" (vista como um presente que demanda uma contraprestação: a morte); de "morte" (como processo, com etapas definidas, de distanciamento dos vivos, até a superação de sua condição; a análise dos rituais funerários, em termos etnográficos, sociológicos e de seu significado, constitui o capítulo final do livro); de "ritual" (associado ao conceito Mambai de

"ordem", o que dá ao ritual seu papel estruturante nesta sociedade; e relativo a "graus diversos de formalidade que caracterizam contextos situacionais específicos", contrastados principalmente pela via da verbalização: o uso de uma linguagem poética própria ao discurso ritual que "dança de uma imagem mitológica a outra, evitando relatos narrativos seqüenciais sobre a criação mas espalhando alusões e rápidas menções de uma história sobre a vida e a morte", pp. 21-2 e 31). Para Traube, os ritos "projetam categorias simbólicas em situações vividas, em pessoas, lugares, objetos e atos concretos... Em suma, o que é reproduzido e fortalecido nas performances rituais são relações significativas" (p. 133). E, para os Mambai, na visão da autora, as categorias simbólicas mais significativas dizem respeito a uma fonte original da vida e estão expressas nos modelos nativos relativos a casa, comunidade, relações de afinidade e aliança. A idéia de uma fonte de onde a vida se originou "ordena as relações de troca em múltiplos níveis estruturais" (p. 134) e revela o poder estruturante da noção de tempo que está implícita na idéia de uma fonte original, de um começo. Não é o passado, tal como foi originalmente vivido, que ressurge nos rituais, mas "o passado tal como ele chega até o presente, marcado por uma história de divisões e subtrações" (p. 134).

Outras categorias de pensamentos relevantes para a sociedade e a cultura Mambai recebem, no livro, uma atenção especial. Assim acontece com a noção de "terra" (*earth*, cosmologicamente definida como a base, aquilo que "nos segura", e a cuja própria origem dos Mambai está vinculada, o que os torna responsáveis pela vida da humanidade como um todo e lhes confere obrigações rituais consideradas como tendo alcance universal e um certo tipo de poder; por outro lado, o ritual é visto, pelos Mambai, como o símbolo dominante de sua cultura, expressão de sua identidade coletiva definida por seus laços específicos com o cosmos, cujo bem-estar depende de sua vida ritual); e com a noção de "conhecimento sagrado", místico (transmitido formalmente de modo oblíquo, indireto, fragmentado, nada transparente, quer nos rituais, quer nos espaços domésticos, mas sempre sabido como totalidade que vive naqueles que têm a sabedoria e a compreensão necessárias para dar sentido e conexão ao que é verbalizado de modo não linear, de todo modo, o fundamento do conhecimento e da compreensão de um fenômeno, nesta concepção, é "saber como ele veio a ser e a assumir sua forma atual", p. 135).

No que diz respeito às relações interétnicas, o livro mostra como a apreensão da origem política – seja no âmbito local (no convívio com outros grupos étnicos timorenses), seja no âmbito mais amplo (nas relações com poderes coloniais) – se faz através de categorias cosmológicas relacionadas com as já mencionadas origens da terra e dos Mambai. Uma divisão "política" funcional, que segue um modelo bastante difundido na Indonésia, é estabelecida entre "a autoridade mística ou espiritual dos nativos timorenses e o poder político, jurídico ou temporal dos Portugueses" (p. 52). Tal divisão não se faz, porém, sem tensões. Dualidade, oposição, complementaridade e hierarquia mais uma vez se combinam nesta visão totalizante e universalista de mundo.

Internamente, tal divisão (que a autora examina dialogando com Dumont) também se manifesta. A figura que detém a autoridade máxima no ritual, o "*Ritual Lord*", é simbolicamente definida por atributos femininos, enquanto representação da "Mãe-Terra" que é. Suas funções para com seu povo são também associadas ao universo feminino: dar calor e aconchego. Ao mesmo tempo, tem atributos masculinos advindos de sua identificação com outro personagem cosmológico, o "Pa-Céu", e sua autoridade provém de sua antigüidade no local e de suas ligações com a autoridade original. Ao mesmo tempo pai e mãe da comunidade a que pertence, o "*Ritual Lord*" simboliza o dia, a claridade, a rapidez, a mobilidade e os símbolos que lhes foram atribuídos pelos ancestrais: a bandeira e a caixa, cujo rufar acompanha a marcha de estilo militar. Segundo a tradição, trata-se de um estrangeiro, cujos ancestrais vieram de outras terras.

Ao deter-se na análise do poder, Traube trabalha conjuntamente questões religiosas, políticas e administrativas, a significação de cada uma sendo definida por sua conjução ou oposição às demais. O critério é a existência de poder, de capacidade de decisão, de representação (no sentido de uma categoria sociológica, com fundamento cosmológico, agir em nome ou a favor de uma coletividade). Tal critério é aplicado aos vários campos da vida social em que essas questões são vividas.

Um olhar mais atento ao interior dessa sociedade faz com que a autora trabalhe na identificação e caracterização dos grupos sociais que mantêm relações rituais de troca. Dentre estes está o grupo doméstico e, no livro, a definição de "casa" como moradia e grupo de residentes com origem comum que constitui "fonte de vida" baseia-se numa concepção corrente entre os Mambai. De um ponto de vista conceitual mais amplo e ancorado na cosmologia, a noção de casa elabora idéias de uma unidade que antecede a divisão e de unidade *na* divisão, referências a um todo primordial, não diferenciado, e a um todo que, através da ação ritual, é reconstituído a partir de suas partes. Assim, as relações entre as casas e as divindades são analisadas ao lado de representações da casa expressa nos rituais e na oratória e de descrições relativas às concepções espaciais captadas a partir da casa e das atividades cotidianas, especialmente as econômicas.

A etnografia das relações de aliança, das relações conjugais e das relações rituais de troca entre grupos aliados conduz à noção Mambai de casamento como fonte de renovação da vida, ritualmente contraposta e expressa pela obrigação recíproca dos aliados no sentido da prestação de auxílio mútuo e da participação ativa nos rituais funerários uns dos outros. A afinidade e a aliança são, portanto, marcadas por casamentos e mortes.

A segunda parte apresenta contribuições metodológicas de interesse, em que as descrições etnográficas dos rituais vêm sempre entrecruzadas com interpretações. A autora faz largo uso de exegeses nativas das performances rituais, que relaciona com as noções cosmológicas, tratadas anteriormente principalmente através de narrativas orais. Tudo o que veio na primeira parte do livro serve, agora, como pano de fundo, pleno de significações, para a compreensão da etnografia e da sociologia dos rituais. A análise do ritual, por sua vez, esclarece acepções antes apenas indicadas ou afirmadas. Sua interpretação dos ritos, diz Traube, não é exaustiva: o problema que enfrenta é de seleção e foco, já que se utiliza dos ritos "para elucidar uma ideologia da reciprocidade que é subjacente" ao ciclo como um todo (p. 185). Nesta parte final do livro, Traube é bem-sucedida ao mostrar não apenas a sociologia dos rituais mas também como a sociedade se pensa a partir de quadros míticos (*mythical charters*) e de um "modelo cosmológico", dando à sua obra a "inteireza" e a completude que ela buscou com tanto empenho no universo sócio-cultural Mambai.

Aracy Lopes da Silva
(Professora do Departamento de Antropologia – USP)